

REVISTA DE ACOMPANHAMENTO AO JOGO

FCPF MAGAZINE

número 31



A ALEGRIA DO REGRESSO

ANTEVISÃO PAÇOS X BELENENSES SAD

EDITORIAL

NÚMERO 31
junho 2020

Textos:
Sara Alves

Fotos:
Telmo Mendes

Design:
Liff

Impressão:
PaçoPrint

distribuição
online

SEGUE O PAÇOS



Distribuição gratuita

FC Paços de Ferreira
Rua do Estádio, 95
4590-571, Paços de
Ferreira

WWW.FCPF.PT



Foi a 8 de março de 2020 que o FC Paços de Ferreira fez, na Mata Real, o seu último jogo para a Liga NOS, antes da interrupção devido à COVID-19. E depois de três meses de muito esforço, trabalho e dedicação de todo o futebol profissional, mostrou-se na máxima força, neste regresso, com vontade de garantir o objetivo da manutenção o mais depressa possível. Duas exibições de grande nível – ainda que a última não tenha resultado em pontos – trazem confiança e segurança para as finais que se seguem, a começar já pela de hoje, diante do Belenenses SAD. O regresso será, contudo, atípico, uma vez que não contará com a presença daqueles que mais sentido dão ao futebol, os adeptos. Mas sabemos que estarão connosco, como o têm demonstrado; que a sua positividade e energia entrarão também em campo, empurrando a equipa para a conquista dos três pontos.

É nisto que João Amaral, o entrevistado desta edição da FCPF Magazine, também acredita. O atleta do FC Paços de Ferreira chegou em janeiro e depressa se integrou no clube, estando agora a passar por um grande momento de forma, como tanto desejava. Ainda nesta edição, damos a conhecer as muitas mudanças que os novos tempos trouxeram ao futebol, e apresentamos a campanha que vai cimentar, mais uma vez, a ligação entre o clube e a cidade. “Nem todas as bancadas estão fechadas” é o resultado da vontade de fazer a diferença, aproximando os adeptos ao clube, fintando distâncias, enquanto apoiam o comércio local.

SARA ALVES

M.CUNHA

J. AMARAL

“VAMOS DAR TUDO PELOS ADEPTOS”

Chegou ao FC Paços de Ferreira em janeiro e a ligação ao clube foi imediata. Na Mata Real, João Amaral voltou a encontrar a felicidade de quem faz aquilo que mais gosta - algo facilmente comprovado, principalmente por quem acompanhou os jogos já realizados, nesta retoma da Liga NOS - e a motivação segue no máximo, para ajudar o clube a conquistar o objetivo o quanto antes.



Três meses depois, a competição está de volta. Como é que avalias este regresso à Liga NOS?

De uma forma muito positiva, porque as questões eram muitas sobre a condição física, pois, por mais que a gente tenha trabalhado todos os dias em casa, como fizemos, não é o mesmo que trabalharmos no campo: correr, ter bola, fazer mudanças de direção... Todas essas coisas são importantes e em casa era impossível. E mesmo ao nível da motivação, pois treinar sozinho não é igual a treinar com os nossos colegas e com bola. Mas acho que, apesar de tudo, o pessoal trabalhou muito bem, seja em casa, seja naquelas primeiras semanas aqui, já no campo. Penso que estamos a surpreender na questão física, e, graças a Deus, sem lesões para já. Isso temos de tentar manter, porque isto vai passar muito pela questão

física e não só pela qualidade.

O que é que tem sido mais desafiante? Não se pode comparar aquele mês de preparação a uma pré-época, sequer, pois aqui tiveram cerca de duas semanas de treino conjunto...

O desafiante é não termos os jogos-treino. É aí que se pode errar para perceber o que é que devemos voltar a fazer ou não, e não tivemos essa possibilidade. Fizemos alguns entre nós, 11 contra 11, mas nós já conhecemos os nossos colegas, então é sempre diferente, porque em jogos é quando apanhamos outros jogadores com outro tipo de características. Outro desafio foi termos de treinar em tão pouco tempo e voltarmos à competição em tão pouco tempo, depois de tanto tempo parados. Não é fácil. Numa pré-época, temos um mês e meio, e,

MCOUTINHO

desta vez, em duas semanas fizemos os treinos individuais e em outras duas os treinos coletivos e foi logo a preparar para a competição, porque não há tempo para pensar em mais nada. Mas a equipa mostrou, nestes dois jogos, que está preparada, apesar de neste último não termos conseguido o nosso objetivo, que era ganhar.

Como é que um atleta se mantém em forma sem competir? Como foi o período de confinamento?

Não é fácil. Tentamos levar ao máximo a intensidade que os misters nos mandavam nos trabalhos para fazermos em casa, mas nunca foi a mesma coisa. Eu sei de colegas que não tinham muito espaço em casa, faziam o treino num hall ou numa sala... Onde é que isso dá para fazer mudanças de direcção ou uma corrida? Era impossível. E é sempre preciso ter algum cuidado com a alimentação, como é óbvio, pois isso é muito importante para o nosso corpo. Mas não é fácil, há sempre algum descuido, algo que é impossível controlar. Foi muito complicado também pelo facto de treinar sozinho, por mais que fizessemos treinos em videoconferência – e isso era bom, porque víamos os

nossos colegas, os misters, e brincávamos, falávamos. Além disto, depois começava a bater a saudade de tocar na bola, de estar no campo, de falar com os colegas...

Também era importante treinar a parte psicológica, por assim dizer.

Sim, sem dúvida. A ansiedade já era grande, a saudade de querer voltar ao campo... Eu não vou mentir, havia dias em que acordava e dizia "Não me apetece treinar. O que é que eu vou fazer? Eu gosto de jogar futebol, não é de andar a fazer flexões, abdominais, e andar aos saltos, fazer trabalho de força". Eu sei que isto é importante e fazemos em campo, no estádio, mas é pontualmente. Em casa, era todos os dias. Mas, por outro lado, pensava "Tenho de o fazer, porque tenho de estar bem quando a competição

voltar". E era mais forte a questão de querermos voltar bem e treinávamos. Mas não era fácil. Não vou estar aqui a ser hipócrita e dizer "Ah, não, acordava cheio de vontade". É impossível e acredito que 99% da equipa em muitos dias não estava motivada, não estava feliz, porque nós gostamos é de sentir a relva. A questão psicológica é muito importante, mas conseguimos ultrapassar muito bem isso, como se vê pelos jogos que temos feito, pelo que temos trabalhado...

Durante a paragem, na simulação da jornada frente ao Sporting CP, no FIFA, foste o escolhido para representar o Paços e a prestação foi bastante elogiada. Costumas jogar ou tens acompanhado a evolução dos eSports?

Sim, eu jogo FIFA. Acho que é



"Nos primeiros dias, parecia que não tínhamos feito treinos nenhuns em casa."

a•rei•a

RESTAURANTE · TAPAS

uma parte importante. Por vezes, também é bom libertarmo-nos do que é o futebol, porque, por mais que se diga que o futebol é a melhor profissão do mundo, e disso não há dúvidas nenhuma, também precisamos de esquecer um bocadinho. Isso faz com que, no dia a seguir, a gente esteja com a cabeça fresca novamente para o treino e para o jogo. Foi porreiro, foi um desafio engraçado e foi bom, porque os próprios adeptos, que tinham saudades do futebol, se calhar estiveram com aquele bichinho a ver o jogo e a puxar pela sua equipa, ainda que fosse num jogo de FIFA. E é uma forma de passar o tempo e esquecer algumas preocupações e algum stress das nossas profissões. E, não vou mentir, sim, jogo FIFA, jogo Pro Clubs, principalmente, e estou a par do assunto.

Relativamente aos treinos, o que é que custou mais quando começaram?

Nos primeiros dias, parecia que não tínhamos feito treinos nenhuns em casa. Os pulmões pareciam estar completamente fechados, tudo custava. Não estávamos habituados. Lá está, treinar em casa não era a mesma coisa, então sentimos muita dificuldade nos primeiros tempos, mas é normal. Foi o voltar ao ritmo, voltar a correr, voltar a respirar de uma forma mais apressada, mais cansativa... Mas depois acabamos por esquecer todos esses problemas, começamos a matar as saudades de ter bola e jogar, e acabamos por ultrapassar. No início até ficamos "Será que estamos muito mal fisicamente?", porque, realmente, depois de um treino, parecia que tínhamos sido atropelados por um camião. No dia a seguir era "Estou morto, não consigo treinar hoje". Mas claro que dava sempre para treinar. Foi complicado, mas agora estamos bem.

A seguir ao jogo com o Rio Ave FC sentiram que a equipa estava realmente preparada

(ou mais do que aquilo que pensavam)?

Já tínhamos tido o feedback do mister, nas semanas anteriores, de que estaríamos muito bem fisicamente e que isso foi uma surpresa boa. Também conseguíamos perceber nos treinos, pela intensidade que metíamos. Mas sem dúvida que no jogo se vê isso e acho que metemos uma intensidade muito alta frente ao Rio Ave e conseguimos perceber que estamos bem e é para continuar assim. E contra o Sporting também vimos que a nossa melhor fase até foi dos 75' para cima. E uma equipa que esteve dois meses e meio parada e agora consegue, frente a um grande, dar um amasso, como se diz no futebol, já na parte final do jogo... é sinal de uma equipa que está bem fisicamente. Normalmente, dos 75' aos 80' há uma quebra enorme nas equipas e nós conseguimos mostrar que, mesmo nessa altura, estávamos por cima, a fazer uma pressão alta e



PAULO BARROS
MEDIAÇÃO DE SEGUROS LDA.

a fazer tudo pelo melhor resultado possível.

Tudo isto, contudo, tem sido atípico, muito pelo facto de não haver adeptos nas bancadas. Dentro de campo sente-se muito essa diferença?

Sim, sente-se mesmo muito, porque estamos habituados a ouvir o ambiente. Principalmente quem joga em casa está habituado a ter os adeptos, a ter o apoio. Às vezes, naquelas fases em que estamos mal, os adeptos conseguem puxar por nós e nós damos mais, e sem eles é complicado. Nós ainda não jogamos em casa, ainda não sentimos tanto essa situação, e conseguimos estar sempre por cima, mas acredito que depois destes dois jogos estamos preparados. Apesar de os adeptos não estarem aqui presentes, estão na mesma connosco. Já sentimos esse apoio e esse carinho nas saídas para os jogos, e é sempre importante sentirmo-nos apoiados. É por eles que damos tudo, pois queremos vê-los felizes. E esperamos que eles nos acompanhem em casa e que, de longe, nos transmitam a maior positividade e força possível.

E o que é que tens a dizer do teu regresso, que foi logo coroado com um golo importante e duas boas exposições?

Já ansiava há muito estar bem fisicamente e jogar bem. Vim porque queria ajudar muito o Paços e voltar a ser feliz. O voltar a ser feliz eu já tinha conseguido, pois já estava numa fase boa, estava a gostar do que estava a fazer e de trabalhar. Só que ainda não tinha voltado à minha forma física, porque também houve a paragem desde a Polónia. Eu terminei o campeonato lá a 19 de dezembro e estive quase um mês parado. Só pude treinar quando as coisas ficaram resolvidas entre os dois clubes. E depois a adaptação, a paragem que me deixou mal fisicamente novamente, o chegar a meio e ter que me adaptar às características de cada

jogador... Eu quis voltar com tudo, mas nunca é fácil. Todas essas questões são importantes e eu ainda não tinha conseguido dar aquele contributo que eu sabia que podia dar, como todos os meus colegas. E quero agradecer-lhes por todo o apoio e pela maneira como me receberam, pois ajudaram-me muito. E agora com este regresso já ajudei com um golo, podia ter ajudado com outro em Alvalade... Não sucedeu, mas sinto-me bem, sinto-me motivado, confiante e estou aqui para dar tudo pelo Paços. Sinto que estou a ajudar e era isso que eu queria vir cá fazer. E espero ajudar ainda mais.

Na chegada disseste precisamente isso, que tinhas muita vontade de regressar ao campeonato português, de voltar a encontrar a felicidade a jogar. Está encontrada?

Sem dúvida que está e, principalmente nestes últimos dois jogos, dá para perceber a minha felicidade a jogar, pela forma como estou em campo, pela confiança. E dar-me bem com todos os meus colegas é importantíssimo. Por isso está mais do que encontrada a felicidade e o prazer de jogar futebol, coisa que não estava a sentir anteriormente. Estou motivado e só quero é que venha o jogo com o Belenenses, porque queremos é jogar. Principalmente depois de um resultado negativo, queremos mostrar que podemos fazer ainda melhor. Eu acho que fizemos muito em Alvalade, foi uma exibição incrível, mas, infelizmente, o futebol é mesmo assim. Ganha quem marca.

Quais são os aspetos mais positivos que encontras até ao momento?

Tudo tem sido incrível. Instalações, condições de trabalho, a forma de trabalhar... tudo isso com um grande profissionalismo e com grande qualidade. E as pessoas que cá trabalham estiveram sempre dispostas a ajudar-nos. Desde



movis

o presidente, aos diretores, ao mister, equipa técnica e equipa médica. Toda a gente é incrível, não tenho nada a apontar. É tudo incrivelmente bom. Temos umas excelentes condições para trabalhar e isso é importantíssimo para que haja resultados.

Recuemos agora uns anos e falemos de como tudo começou. Como foi o percurso até ao futebol profissional?

Eu comecei aos 12 anos, num clube pequenino, em Gaia - o Vilanovense. Na altura, estava na II Divisão B, que é hoje o Campeonato de Portugal. Joguei lá toda a minha formação. Aos 18 anos tive a oportunidade de jogar o nacional de Juniores - coisa que nunca tinha jogado, porque tinha jogado sempre em campeonatos distritais - pelo Candal, que, por acaso, era o rival do Vilanovense. Mas, na altura, o Vilanovense, que é um clube que gosto muito, infelizmente teve uma questão muito complicada. Esteve prestes a acabar, até. No Candal, faço meio ano nos Juniores e sigo para os Seniores. E fui subindo, foi correndo bem, consegui alguns resultados em questões de golos, assistências. Passei pelo

Padroense, depois fui para Mirandela, a minha primeira experiência fora de casa. Entretanto voltei para perto de casa novamente, estive no Rubras meio ano, e acabei por ir para a AD Oliveirense. Foi uma experiência diferente, foi porreiro, mas complicada também, porque foi num momento complicado do clube, com muitos problemas financeiros. Infelizmente, ainda existem muitos problemas desses no CNS, coisa que não consigo perceber... Regressei ao Pedras Rubras e, no ano a seguir, dou o salto para o Vitória de Setúbal, onde concretizei o sonho de ser profissional.

Deste o salto do Campeonato de Portugal para a Primeira Liga de uma época para a outra. Como é que foi essa adaptação?



Houve um choque, porque nunca tinha passado por clubes profissionais, nem mesmo na formação, como alguns colegas. Primeiro foi uma surpresa, porque foi de um momento para o outro, depois foi o choque por tudo o que é estar na Primeira Liga. Fazer estágios, ter vídeos todas as semanas ou de três em três dias... Isso no CNS já existia, mas não em todos os clubes. Agora penso que já 90% dos clubes fazem isso e têm condições para fazer observações do adversário, mas nessa altura não havia assim tanto. Era tudo diferente. Pelas primeiras vezes era abordado na rua por miúdos e adultos que já nos conheciam... E nunca mais me vou esquecer, porque ser profissional é o concretizar de um sonho de menino. Foi um choque grande, mas foi um choque positivo,

"Temos umas excelentes condições para trabalhar e isso é importantíssimo para que haja resultados."

Rausa Abstrata

JARDINS & PLANTAS EXÓTICAS

porque é o culminar de todo o trabalho que fazemos desde a formação.

Sobre a tua passagem pela Polónia... A adaptação aí já foi mais complicada? Pela questão da língua, da distância... Por ser a primeira vez fora do país também.

Antes de ir para lá, falei com o Pedro Tiba, que também tinha ido, e tive feedbacks do clube e da cidade. Foi muito complicado, porque são um povo mais frio – mas conheci muitas boas pessoas das quais gostei muito. Como é que eu hei de explicar... Estou habituado ao Norte. Qualquer pessoa com quem fale quase que me convida para ir a casa dela. E lá isso não acontece. Muitas das vezes cumprimentava alguém que passava por mim no prédio e essa pessoa nem me respondia. Depois há a questão da língua. Na maior parte das vezes eu falava inglês e tínhamos muitos jogadores estrangeiros lá no plantel e falava-se muito inglês, mas também se falava muito polaco e era muito complicado perceber, mesmo com aulas. E estamos mesmo longe de tudo, não é uma viagem de 2h30 ou 3h, como fazia de Setúbal para o Porto. Era uma viagem de avião, nem sempre podíamos vir. Só se o mister desse dois ou três dias de folga é que poderíamos pensar nisso. Mas também as viagens não eram baratas, não dava para estar sempre a vir a Portugal. O que ajudou muito foi que a minha namorada foi sempre comigo, logo essa adaptação fica mais fácil, porque temos sempre alguém connosco. Também tinha o Tiba e encontrávamo-nos algumas vezes, mas não é o mesmo que termos os nossos amigos, combinarmos coisas semana após semana. Isso era mais à base do telemóvel, da PlayStation, onde falávamos e jogávamos juntos. Mas também temos que ver que a realidade do futebol português é muito diferente da realidade de outros países, e também temos de olhar um bocadinho para a nossa parte financeira, porque muita gente

acha que se ganham balúrdios na Primeira Liga portuguesa e isso não é verdade. Infelizmente, sabemos que poucos clubes pagam bem, mas é mesmo assim. É a realidade do futebol e temos de compreender, por isso é que muitas vezes os jogadores saem e foi uma das razões para eu sair também. A minha mãe vai trabalhar até aos 65, eu, se calhar na melhor das hipóteses, aos 35 acabo a minha carreira. E espero conseguir chegar aos 35. Se eu não fizer o máximo possível para a minha vida futura – se tiver de trabalhar irei trabalhar, não é por aí que estou a falar... mas estou a dizer que temos uma carreira muito curta. A questão financeira é muito importante, porque a nossa carreira é curta demais para pensarmos em termos tempo para tratar das coisas. O nosso futebol tem muito potencial para muito mais, mas, por umas e outras razões, não chegamos lá.

Uma mensagem para os adeptos.

Acreditem em nós. Temos trabalhado imenso. Eles não podem ver isso, mas ponho as minhas mãos no fogo para eles perceberem que a equipa tem trabalhado nos limites para estar o mais bem preparada possível. E acho que quem pôde ver os jogos percebeu que temos trabalhado nos limites, porque estamos a jogar nos limites também. Acreditem em nós e acreditem que vamos conseguir a manutenção, sem dúvida alguma, e vamos tentar fazê-lo o mais cedo possível, de forma a que os adeptos estejam mais tranquilos e desfrutem do futebol e não estejam com aquela pressão de que podemos ou não descer. E quero agradecer pelo apoio que nos têm dado quando vamos fazer as saídas. É importantíssimo para nós, vamos com outra alma, com outra vontade, e é mais uma energia positiva que levamos connosco. Que nos transmitam energias positivas, pois vamos senti-las no campo e vamos dar tudo por eles.

**DEFENDE
O AMARELO**

PENSA RÁPIDO JOSÉ OLIVEIRA

Juntou-se ao plantel sénior no regresso aos treinos após o período de confinamento e junta-se agora também ao nosso quiz, neste regresso da FCPF Magazine. O guarda-redes José Oliveira disse-nos qual o recorde que gostaria de ter e falou das suas melhores memórias no futebol.



1. Se tivesses a oportunidade de conhecer uma pessoa, esteja ela viva ou não, quem escolherias?
Escolhia o Cristiano Ronaldo. É um ídolo.

23. Quando estás a fazer scroll down nas redes sociais, o que é que preferes ver? Publicações de famosos ou de amigos?
De amigos, sim. Para mim são as mais interessantes. [Risos]

10. Qual é a primeira memória que tens relacionada com o futebol?
As primeiras memórias são da

altura em que comecei a jogar futebol, no Várzea. E depois tenho outras que me lembro logo, mas mais recentes, como quando me estreei pela seleção ou quando, já aqui no Paços, fomos à terceira fase do campeonato de sub-15.

13. Preferias pôr picante em todas as sobremesas ou açúcar em todos os pratos principais?
Açúcar, açúcar. [Risos] Acho que era melhor. Picante... não gosto muito.

70. Se fosses um objeto, gostavas de ser qual?

Porquê?

Um objeto... Uma bola. Sou jogador, portanto a bola é uma paixão.

40. Quantas vezes vais às redes sociais durante o dia?

Ui... Muitas! Perco a conta. [Risos] Quando o treino é de manhã, passo, se calhar, a maior parte da tarde nas redes sociais.

8. Que recorde gostarias que fosse teu?

Não é bem um recorde, mas gostaria de ser o melhor guarda-redes do mundo.

LFM

— FOLHAS DE MADEIRA —



BELENENSES SAD

01 de julho 2018
Estádio Nacional do Jamor
37500 lugares

Presidente: Rui Pedro Soares
Treinador: Petit
www.site.osbelenensessad.com

Últimas Temporadas:

2016/2017 (Liga NOS)
14º lugar em 18 equipas,
36 pontos (CF Belenenses)

2017/2018 (Liga NOS)
12º lugar em 18 equipas,
37 pontos (CF Belenenses)

2018/2019 (Liga NOS)
9º lugar em 18 equipas,
43 pontos

Camisola principal:



Quase três meses e meio depois, o FC Paços de Ferreira volta a jogar na Mata Real. A equipa regressou ao campeonato em grande forma e focada no seu objetivo, e, hoje, tudo fará para garantir os três pontos frente ao Belenenses SAD.

A 23 de setembro de 1919, era fundado, num banco de jardim da Praça Afonso de Albuquerque, em Belém, o Clube de Futebol "Os Belenenses". Passados 80 anos, a 18 de novembro de 1999, foi criada uma Sociedade Anónima Desportiva (SAD) para gerir o futebol profissional do clube, e, em 2012, 51% do capital da mesma foi vendido a um investidor. Contudo, com o passar dos anos, a relação entre o clube e a SAD passou por alguns momentos difíceis até que, no final da época 2017/2018, as duas partes seguiram caminhos separados. A SAD, que detinha o futebol profissional, continuou na

Primeira Liga como Belenenses SAD (enquanto clube de futebol autónomo); já o clube, que detém toda a formação e modalidades, inscreveu uma nova equipa de futebol com o nome original nos campeonatos distritais de Lisboa. Começou, assim, uma nova era.

Na temporada passada, o Belenenses SAD terminou o campeonato na nona posição com 43 pontos, 42 golos marcados e 51 sofridos. Chegou à quarta eliminatória da Taça de Portugal e disputou a fase de grupos da Taça da Liga. Em 2019/2020, também foi até à quarta eliminatória da Prova Rainha, mas não passou da segunda fase da Allianz CUP.

Esta é a segunda vez que FC Paços de Ferreira e Belenenses SAD se encontram. O primeiro jogo, realizado a 4 de novembro do ano passado, terminou com uma vitória do conjunto lisboeta por 1-0.

GIVACHOICE

G A R M E N T S



SEGUIR SEMPRE A DAR O MÁXIMO

Garra, entrega e prontos para deixar tudo em campo. À Paços! Foi assim que o FC Paços de Ferreira regressou à competição, depois de uma paragem de três meses, devido à pandemia de COVID-19. E as exibições dos últimos dois jogos provam isso mesmo! Apesar de não ter conseguido somar pontos na última jornada, frente ao Sporting CP, a equipa deixou novamente uma excelente imagem e mostrou-se preparada para o que resta da luta pela manutenção. Hoje, frente ao Belenenses SAD, é hora de voltar a vencer e continuar a subir na tabela.

O conjunto lisboeta chega ao Estádio Capital do Móvel a atravessar a sua melhor fase nesta temporada. São seis jogos consecutivos sem derrotas – três vitórias (Boavista FC, CS Marítimo e CD Aves) e três empates (Rio Ave FC, FC Famalicão e Vitória SC) – e apenas com dois golos sofridos; isto após uma série de sete encontros em que só tinha vencido um e perdido os restantes seis. Uma reação positiva que coloca agora

o Belenenses SAD na 13ª posição com 30 pontos somados (mais cinco do que os Castores), 22 golos marcados e 39 golos sofridos. Nota ainda para o facto de ter o mesmo registo tanto fora como em casa: quatro vitórias, três empates e seis derrotas, dos quais resultam 15 pontos.

Na última jornada o Belenenses SAD recebeu o Vitória SC, numa partida que terminou com um empate a uma bola. A equipa da casa esteve em vantagem, graças a um golo de Falaye Sacko na própria baliza, aos 28 minutos, mas João Carlos Teixeira deixaria o marcador em igualdade, à passagem do minuto 39.

Do plantel orientado pelo técnico Petit, o melhor marcador é o avançado português Licá, com 7 golos apontados até ao momento em todas as competições (seis no campeonato e um na Taça de Portugal), seguido de Silvestre Varela com três (todos na Liga NOS).

franciscoj.dias

PORQUE NEM TODAS AS BANCADAS ESTÃO FECHADAS

Em tempos de pandemia, ver o jogo no estádio não é opção. Mas se as bancadas do Estádio Capital do Móvel não poderão estar abertas, o mesmo não se pode dizer das muitas bancadas que estarão espalhadas pela cidade de Paços de Ferreira, para que os adeptos possam assistir ao encontro diante do Belenenses SAD.



Aproximar a cidade e o clube tem sido uma das principais bandeiras do FC Paços de Ferreira ao longo dos últimos anos. E o sucesso pode ser comprovado. Foi, então, neste seguimento, e atendendo à nova realidade vivida devido à pandemia de COVID-19, que o clube decidiu fazer a diferença e cimentar, mais uma vez, esta ligação. Se o estádio não pode abrir as portas à cidade, para que se vivam as emoções próprias de um jogo, a cidade terá várias portas abertas para todos aqueles que, habitualmente, vivem essas mesmas emoções na Mata Real.

"E de que forma?" Por Paços de Ferreira, estão agora espalhadas as novas bancadas do FC Paços de Ferreira. "Onde?" Em vários estabelecimentos da restauração local. Atento às dificuldades que os últimos meses trouxeram a vários sectores, nomeadamente o da restauração, o clube pacense lançou a campanha "Nem todas as bancadas estão fechadas", na qual o apoio à equipa e o apoio ao comércio vestem a mesma camisola.

Bancada Casa da Eira, Bancada Tons de Café, Bancada Desigual, Bancada Zuzarte, Bancada Moon, Bancada daRua, Bancada Ribeirinha, Bancada Mikadu ou Bancada Café do Estádio. Os adeptos pacenses podem escolher onde vão torcer pela equipa, e, ao mesmo tempo, vão estar a ajudar os cafés e restaurante da cidade - que terão disponíveis alguns descontos em certos momentos da partida.

Como é dito no vídeo da campanha publicado nas redes sociais, "apesar da frustração de não estarmos juntos no estádio, não deixaremos de festejar as vitórias do Paços". E tudo isto, claro, sem esquecer o respeito pelas normas de segurança.



M. MONTEIRO

MUDANÇAS NA HORA DO REGRESSO

O futebol voltou, mas, para que tal fosse possível, muitas foram as alterações nas rotinas de todos os intervenientes. Dos atletas aos jornalistas e fotógrafos, todos têm novas normas a cumprir, para que a segurança não fique comprometida.

O pré-jogo

A principal mudança na rotina de todo o futebol profissional será, indiscutivelmente, a realização dos testes à COVID-19, sempre 24 horas antes dos jogos - caso haja mais de cinco dias de intervalo entre os encontros, também têm de ser feitos 48 horas antes. Toda a comitiva da equipa e todos aqueles que integram a ficha técnica têm de estar testados. No dia do jogo, o médico do clube recebe os resultados pela manhã e envia um atestado para a Liga Portugal a certificar que todos testaram negativo. O uso de máscara quando estão no interior das instalações desportivas ou em hotéis (no caso das deslocações) é obrigatório - exceção feita quando estão sentados à mesa para as refeições (como é necessário evitar ajuntamentos, é à vez que os jogadores vão buscar a sua refeição).



O jogo

Todos os elementos da comitiva têm uma credencial própria na qual é inserido o número da jornada, de forma a estarem identificados perante o Delegado da Liga, e apenas estes têm autorização para andar na zona técnica. Já no balneário, os atletas devem manter, se possível, o distanciamento social. Apesar de em alguns balneários isso não ser muito



DEVEESA'
COMBUSTÍVEIS

fácil, sabe-se, contudo, que todos foram testados. As duas equipas sobem ao relvado alternadamente e deixa de haver o tradicional cumprimento entre os atletas. Quanto aos apanha-bolas, no máximo podem ser quatro e têm de usar desinfetante e toalha sempre que a bola saia do espaço de jogo (como bancadas, por exemplo).

No que diz respeito à imprensa, deixam de ser distribuídos em papel os line-ups, sendo criado um grupo no WhatsApp onde estarão disponíveis todas as informações do jogo para os jornalistas. O camarote de imprensa pode agora levar apenas um terço da sua lotação, e cada órgão de comunicação social deve levar só um representante (exceção feita às rádios, que terão um no camarote e outro no relvado). Relativamente aos fotógrafos, estes não podem trocar de campo ao intervalo - apenas os fotógrafos dos clubes intervenientes o podem fazer, uma vez que têm de acompanhar o ataque da equipa. Os fotógrafos estão limitados a cinco lugares de cada lado e sempre do lado contrário ao usado pelas equipas para fazerem o aquecimento. Além do distanciamento social, todos os representantes dos órgãos de comunicação social devem usar máscara tanto no relvado como na tribuna de imprensa, e, posteriormente, na sala de conferências.

Também o camarote presidencial recebe menos pessoas: apenas cinco elementos de cada clube. Nota ainda para o facto de não haver observadores de outras equipas nos restantes camarotes.

O acompanhamento para lá do futebol

A super-flash com os atletas e a flah-interview com os treinadores passam a ser feitas no relvado, evitando a zona técnica e espaços cobertos, e deixa de haver Zona Mista à saída do estádio. Além disto, o prémio de Homem do Jogo é agora entregue pelo Delegado da Liga e não pelo jornalista, como antes. Para as conferências de imprensa, a entrada dos jornalistas não pode ser a mesma que a dos treinadores e assessores de comunicação - os caminhos também não se podem cruzar - e o espaço utilizado na conferência deve ser sempre higienizado no intervalo de tempo entre a troca dos treinadores de ambos os clubes.





SÓNIA COSTA
Dentista

POR PAÇOS
ESFORÇO E VITÓRIA
...E SORRISOS!

O MELHOR EM
Facetas
Invisalign
Implantes
Lentes Dentárias
Ortodontia Lingual

FINANCIAMENTO
ATÉ 48 MESES

MARKAÇÕES
255 3 13 385 - 216 630 341
www.clinicasoniacosta.pt

POOL PORTUGUÊS: TÍTULO DISTRITAL ATRIBUÍDO AO PAÇOS

As competições da Federação Portuguesa de Bilhar relativas à temporada 2019/2020 foram dadas como terminadas devido à pandemia de COVID-19, sendo atribuído ao FC Paços de Ferreira o título de Campeão Distrital (Porto), na modalidade de Pool Português.

A equipa pacense encontrava-se ainda a disputar a fase distrital, na qual era líder. As quatro primeiras classificadas passariam, posteriormente, ao Campeonato Nacional de Pool Português, prova que o FC Paços de Ferreira ambicionava conquistar.



ESPORTS: CASTORES NO GRUPO D DA ELIGA PORTUGAL

O eLiga Portugal, torneio organizado pela Liga Portugal em colaboração com a Eletronic Arts (EA), vai ter início a 17 de junho e prolongar-se-á até ao dia 27. O FC Paços de Ferreira, representado pelos atletas Fábio Marques e Rui Salvador, ficou no Grupo D, juntamente com Gil Vicente FC, Belenenses SAD e Sporting CP.

Cada jogo será disputado no formato 1x1 e terá dois encontros (um para cada atleta), sendo o resultado final a soma de ambos. Os dois primeiros classificados de cada grupo avançam, posteriormente, para os quartos de final. Devido às condicionantes existentes por causa da COVID-19, o torneio será realizado online e transmitido por streaming (www.twitch.tv/ligaportugal), seguindo a prática de outras ligas europeias. Os dois atletas vencedores vão representar a Liga Portugal e a sua sociedade desportiva em provas internacionais a realizar na próxima época. Relativamente aos prémios monetários, estão em jogo 3000€ para o vencedor, 1000€ para o finalista e 500€ para os semifinalistas.

FUTSAL: SUBIDA À II DIVISÃO NACIONAL

A equipa sénior do FC Paços de Ferreira vai subir à II Divisão Nacional. Os pacenses eram os líderes da Divisão de Elite da AF Porto, na altura em que a prova foi dada como terminada, devido à pandemia de COVID-19.

De acordo com o comunicado feito pela Federação Portuguesa de Futebol, na época 2020/2021 a II Divisão Masculina de futsal vai contar com 88 equipas: "os 66 clubes participantes no Campeonato Nacional II Divisão Futsal Masculino 2019/2020 das séries do Continente e da série Açores, os 18 clubes indicados pelas Associações Distritais, um clube indicado da Associação de Futebol da Madeira, um clube indicado pela Associação de Futebol com maior número de clubes sénior de futsal a participar em provas distritais e duas equipas B, convidando as equipas da Liga Placard utilizando o ranking das últimas 5 épocas desportivas dessa Competição".

Já a época 2021/2022 terá menos clubes e será criada a III Divisão. A partir de 2022/2023, o número de clubes nestas duas divisões estabilizará.



O CAFÉ DA TUA VIDA 





PAÇOPRINT

a sua marca gráfica.
www.pacoprint.pt